

A MEMÓRIA NA DIALOGIA DE BAKHTIN

MEMORY IN BAKHTIN'S DIALOGISM

Aguinaldo Gomes de Souza¹

Resumo: Neste trabalho discutimos o conceito de memória na obra do filósofo russo M. Bakhtin. A partir de um olhar fenomenológico a respeito da categoria da memória, relacionamos o conceito com o gênero, com o cronotopo e com a exotopia visto na obra de Bakhtin. Para tanto fizemos uma retrospectiva a respeito da constituição da memória nos escritos de Bakhtin, para isso fizemos um breve estado da arte de alguns trabalhos que tratam do tema da memória na obra de Bakhtin, tal revisão nos levou a considerar a sátira menipéica e sua constituição na história do romance como o início de uma teorização a respeito da constituição e importância da memória nos estudos dialógicos de Bakhtin. Ressaltamos também o modo como Bakhtin trata a questão da memória nas obras sobre Rabelais e Dostoiévski e concluímos que embora o tema da memória não seja um dos mais explorados dentro do conjunto da obra de Bakhtin, este não passou despercebido ao filósofo russo.

Palavras-chave: Memória. Bakhtin. Dialogismo.

Abstract: In this work we discuss the concept of memory in the work of Russian philosopher M. Bakhtin. From a phenomenological look at the category of memory, we relate the concept to the genre, the chronotope and the exotopy seen in Bakhtin's work. For that we made a retrospective about the constitution of memory in Bakhtin writings, for that we made a brief state of the art of some works that deal with the theme of memory in Bakhtin work, such review led us to consider the Menippean satire and its constitution in the history of the novel as the beginning of a theorization about the constitution and importance of memory in Bakhtin dialogical studies. We also emphasize the way Bakhtin deals with the issue of memory in the works on Rabelais and Dostoevsky and conclude that although the theme of memory is not one of the most explored within Bakhtin work as a whole, it did not go unnoticed by the Russian philosopher.

Keywords: Memory. Bakhtin. Dialogism.

Introdução

O problema da memória² é tema de discussão desde quando os primeiros filósofos começaram a pensar no que viria a ser a memória humana. A discussão sobre o lembrar e o esquecer pode ser vista, por exemplo, no diálogo Φίληβος [Philebus] escrito por Platão (c.427-c.347 a.C.), para quem, como mostra (Zilles, 2006), a memória exerce três funções: a) fornece uma prova da pré-existência, da espiritualidade e da imortalidade da alma; b)

¹ Doutor em Letras pela UFPE. Centro Universitário da Vitória de Santo Antão. Departamento de Letras. Vinculado ao Grupo de Pesquisa: Linguagem, sociedade, saúde e trabalho – Letras UFPE. falecom@aguinaldogomes.com.

² No presente trabalho partimos de um indicio formal, uma intuição *a priori*, de que a memória é também tema da dialogia de Bakhtin. Muitas outras observações a respeito dos problemas da memória em Bakhtin podem ser consultadas em nossa tese doutoral.

estabelece uma ponte entre a vida antecedente e a vida presente; c) dá valor ao conhecimento sensitivo, reconhecendo-lhe o mérito do despertar a recordação das ideias. A memória também é tema nos escritos de Santo Agostinho (2014), em sua obra “Confissões”. É tema também em Plontino (2015) nas Enéadas. A discussão sobre a existência da memória, tal qual vista na análise platônico-aristotélica da memória

trouxe à baila os seguintes aspectos: a) distinção entre retentiva e recordação; b) o reconhecimento do caráter ativo ou voluntário da recordação, diante do caráter natural ou passivo da retentiva; c) base física da recordação como conservação de movimento ou movimento conservado (ABBAGNANO, 2007, p.657).

Na atualidade do hoje, é possível encontrar o tema da memória nos estudos da linguagem, nas Análises de Discurso em suas mais diferentes vertentes. Na Análise de Discurso francesa, por exemplo, os trabalhos de Courtine (1985) e de Pêcheux (1969), sobre a memória discursiva, parecem ser o melhor exemplo de como o tema da memória é explorado nos estudos da linguagem. É no livro: *O discurso: estrutura ou acontecimento*, datado da década de 1980, que Pêcheux (2012) tece uma série de reflexões a respeito do tema. Nas palavras de França (2016, p.03) “a memória discursiva diz respeito à recorrência de dizeres que emergem a partir de uma contingência histórica específica, sendo atualizada ou esquecida de acordo com o processo discursivo, é algo que fala sempre, antes, em outro lugar”.

Neste trabalho, temos por objetivo compreender o tema da memória dentro da teoria dialógica de Bakhtin, para tanto, tomamos o método fenomenológico a fim de compreendermos a presença da memória nos escritos de Bakhtin. Nesse sentido, é mister apontar que a fenomenologia enquanto método de análise tem suas bases lançadas por pelo menos cinco filósofos, são eles: Husserl (1994), Heidegger (2005), Max Scheller (1980), Sartre (1997) e Merleau-Ponty (1999). Os cinco filósofos e suas perspectivas estão, como podemos observar, intimamente ligados em essência, mas separados pelas perspectivas. Dito isso, é preciso dizer que o olhar fenomenológico que lançamos sobre o fenômeno da memória está calcado na fenomenologia tal qual vista em Heidegger (2005) e isto se deve por conta da percepção do primado ontológico da fenomenologia fundamental que Heidegger (2005) carrega, o que implica dizer a questão da fenomenologia em Heidegger está alicerçada na questão do ser, o que implica uma certa consideração a respeito da linguagem. Dito isso, é possível dizer que a partir de um olhar fenomenológico é que tratamos do tema da memória na dialogia de Bakhtin.

Para tanto, partimos da intuição *a priori* de que de alguma forma a ideia da existência da memória e da correlação entre memória e linguagem perpassa a obra do filósofo russo. Esta intuição *a priori* é o nosso indício formal para a análise da questão. Um indício formal é o que, no entender de Heidegger (2005), deve anteceder a explicação fenomenológica. O indício formal é uma etapa do método fenomenológico e é o que antecede qualquer explicação teórica. Hebeche (2019, p.07), vai apontar que “os ‘indícios formais’ dizem respeito a um paradoxo: mostrar os fenômenos da vida fática sem encobri-los pela explicação teórica”.

O indício formal, isto é, o *Vorhabe*³, é aqui tomado enquanto a coisa que nos permite pensar no fenômeno da memória tal qual percebido na obra de Bakhtin.

É certo que o problema da memória não constitui um tema central para o filósofo russo, mas é certo também que as indagações a respeito da memória e da sua determinação fundamental para os temas que Bakhtin tratou, dentro de sua dialogia, de alguma forma são permeados pela intuição de que a memória exerce alguma força. Isto pode ser notado quando olhamos para temas como ato e evento, valoração, exotopia e gêneros. Temas que integram o pensamento do filósofo russo e que aqui são revisitados a partir de uma perspectiva fenomenológica, sobre a fenomenologia é preciso recordar Heidegger (2012) quando afirma que

o método científico nunca é uma técnica. Logo que ele se transforma em algo assim, ele decai de sua própria essência. A redução fenomenológica como a recondução de nosso olhar do ente para o ser, porém, não é o único componente fundamental do método fenomenológico, sim, ela não é nem mesmo o componente central. Pois essa recondução do olhar do ente para o ser necessita ao mesmo tempo de um direcionamento positivo do olhar para o próprio ser. (HEIDEGGER, 2012, p. 37)

Isto significa que ao pensarmos a questão da memória na dialogia de Bakhtin (1997) a partir da fenomenologia, estamos reconduzindo, enquanto analistas, o olhar para um fenômeno que está em parte encoberto pela discussão teórica positivista.

Feito esse breve preâmbulo e para colocarmos em evidência aquilo que intuímos a partir do indício formal, é fundamental fazermos alguns apontamentos a respeito do que alguns pesquisadores já descobriram do tema que estamos tratando.

³ Termo utilizado nas análises que possui a fenomenologia como metodologia, trata-se na fenomenologia do conhecimento preliminar, um indício formal, sobre o tema investigado e que serve de base para pensar no problema em si. O indício formal aqui diz respeito a intuição *a priori* de que existe em Bakhtin um modo de pensar a memória.

Alguns estudos colocam em evidência que a memória possui um lugar significativo dentro da obra de Bakhtin. O trabalho de И.Е. Кознова [Koznova (2013)] intitulado de “К проблеме памяти в творчестве м.м. бахтина” [O problema da memória no trabalho criativo de M. Bakhtin⁴] publicado na Revista “Boletim da Universidade Syktyvkar” na Rússia, é um desses estudos.

Ao tratar da questão da memória na obra do filósofo russo, Koznova (2013) demonstra que existe, nos estudos da memória, uma forte tradição ligada ao pensamento filosófico, do qual Bakhtin também faz parte. Isto é refletido nos estudos bakhtinianos a respeito da atividade artística, do ato criativo, dos gêneros e da dialogia.

Tal qual Koznova (2013), Popova (2016) no artigo: Проблема памяти и забвения: м.м.бахтин о механизмах сохранения / стирания следов традиции в истории культуры [O problema da memória e do esquecimento: M. M. Bakhtin sobre os princípios da preservação / esquecimento da tradição na história da cultura] dedica uma boa reflexão a respeito do lugar da memória no pensamento de Bakhtin, principalmente nos escritos sobre Rabelais datado da década de 1940. No Brasil temos o texto de de Amorin (2009) “Memória do objeto - uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação”, nesse trabalho Amorin (2009) vai estudar a questão da memória tanto nos escritos de Bakhtin (1997) sobre O autor e o herói (texto publicado, no Brasil, em Estética da Criação Verbal) quanto no momento em que Bakhtin busca compreender a cultura e seus objetos.

Trata-se, como podemos notar até agora, de alguns apontamentos que sugerem ser o tema da memória não tão estranho ao pensamento do filósofo russo. Mas se o tema da memória não é estranho ao pensar bakhtiniano, isso pode nos indicar que esse tema de alguma forma se (inter)relaciona com outros dentro da filosofia de Bakhtin (1997), como por exemplo, o tema da exotopia ou mesmo do cronotopo.

A memória como objeto da exotopia

Não se trata nesta seção, evidentemente, de retomarmos o conceito de exotopia. A análise que nos propomos diz respeito unicamente a perceber como o tema da memória aparece correlato ao tema da exotopia. Para uma análise mais detalhada do conceito de exotopia sugerimos a leitura dos escritos contidos em Estética da Criação Verbal, mais

⁴ O trabalho citado, cujo acesso aconteceu em 17 de junho de 2021, pode ser lido no original no seguinte endereço: <https://cyberleninka.ru/article/v/k-probleme-pamyati-v-tvorchestve-m-m-bahkina>

especificamente no capítulo que trata da questão de O autor e o herói. É nesse escrito que Bakhtin (1997) começa a pensar no conceito de exotopia e acaba por relacioná-lo com o tema da memória, tal como indica Amorin (2009, p.09), fazendo remissão à Bakhtin (1997), “a memória exotópica é a memória que se produz depois da compreensão, isto é, na segunda etapa do processo de apreensão do outro”. É possível dizer que essa memória é estética.

A memória estética existe na temporalidade, para Bakhtin (1997, p.111): “toda temporalidade, toda durabilidade se contrapõem ao sentido como um ainda-inexequibilidade, como algo ainda não definitivo, como um ainda-não-é-tudo”. Bakhtin (1997) vai lembrar que é na temporalidade que o eu enquanto ser-único na existência busca vivenciar e perceber o acabamento estético do outro. E nesse sentido, é possível falar de uma memória que se realiza não apenas no passado, mas de uma memória do futuro (a memória do herói), tal como mostrou Amorin (2009) em seu estudo.

Mas a memória que se realiza na exotopia é uma memória que age como força aglutinante, ela é a coisa que permite o vivenciar da memória, é o que permite ao eu, enquanto ser-único-no-evento-do-mundo, perceber o objeto estético e dar-lhe forma e totalidade. Tal como mostra Bakhtin (1997), no capítulo dedicado à análise do herói, em *Estética da Criação Verbal*, “a memória começa a agir com força aglutinante e conclusiva desde o primeiro momento do surgimento da personagem”.

Mas, se a memória é força aglutinante e se ela surge a partir da personagem, não seria precipitado concluir que a memória surge a partir do vivenciamento interior do eu e do outro. A questão do eu e do outro e do vivenciamento interior é objeto de reflexão de Bakhtin desde os seus primeiros escritos, para Bakhtin (1997),

o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. A memória estética é produtiva: ela gera o homem exterior pela primeira vez num novo plano da existência. (BAKHTIN, 1997, p.55)

A discussão a respeito do eu e do outro, dentro do pensar de Bakhtin, acaba levando a discussão não apenas para o campo da dialogia, mas surge como possibilidade de se pensar a maneira pela qual o objeto contemplado recebe certo acabamento. O acabamento do objeto estético é permeado por questões subjetivas, a esse respeito o próprio Bakhtin (1997, p. 175) já nos alertava que “em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria axiológica do outro, é a relação com o outro, enriquecida pelo excedente axiológico da visão”.

Mas as formas de representação da memória, quando pensadas em direção aos objetos, são díspares, isto é, é possível falarmos em uma memória do objeto e um objeto que guarda, em si mesmo, uma memória. Nas palavras de Amorin (2009, p.10): “a memória do objeto escaparia assim a qualquer tentativa de psicologização”. Bakhtin (1979), na edição russa⁵ de *Estética da Criação Verbal*, mostra que é possível falar de uma certa produtividade da memória estética, essa memória é a que permite ao eu lembrar, unificar vivências exotópicas, perceber o outro dando-lhe forma e acabamento em dado plano da vivência humana.

O que podemos depreender até aqui, é que a memória tal qual percebida por Bakhtin (1997) é algo carregado de certo valor, de uma certa valoração que permite ao eu dar forma ao tu, como afirma Bakhtin (1997):

a memória que tenho do outro e de sua vida difere, em sua essência, da contemplação e da lembrança da minha vida: essa memória vê a vida e seu conteúdo de uma forma diferente, e apenas ela é produtiva (a lembrança e a observação da minha própria vida podem fornecer-me os elementos de um conteúdo, mas não podem suscitar uma atividade geradora da forma e do acabamento). A memória de uma vida passada (a antecipação de seu fim não é excluída) possui a chave de ouro que assegura o acabamento estético do outro. A abordagem estética da pessoa antecipa-lhe, poderíamos dizer, a morte, predetermina-lhe o futuro e oculta o destino imanente a toda determinação interior. A memória faz com que a abordagem se opere numa ótica de valores e de acabamento. Até certo ponto, a memória não tem esperança, mas, em compensação, só ela é capaz de formular, sem levar em conta a finalidade e o sentido, um juízo sobre uma vida inteiramente presente em sua realização e seu acabamento (BAKHTIN 1997, p. 122)

A memória estética é o que permite certo acabamento ao objeto, ela antecipa a forma e permite que o eu compreenda o outro a partir da vivência interior, ela volta-se para o passado para poder dar ao eu uma inteireza do que se vivencia no presente, “a memória do passado é submetida a um processo estético”, tal como sentenciou Bakhtin (1997, p.167).

As características da memória, tal qual vista na dialogia de Bakhtin, passa por algumas questões relacionadas ao conceito de exotopia, o que implica necessariamente a consideração de um certo cronotopo. A percepção do que vem a ser a memória passa assim por um encadeamento que de certa forma sistematiza a maneira pela qual o problema do eu e do outro

⁵ Utilizamos, nesta passagem, para tecer as considerações, a versão russa da obra *Estética da criação verbal*. Os problemas de tradução são de nossa responsabilidade. O texto original é o que segue: “В этом смысле можно говорить об абсолютной эстетической нужде человека в другом, в видящей, помнящей, собирающей и объединяющей активности другого, которая одна может создать его внешне законченную личность; этой личности не будет, если другой ее не создаст: эстетическая память продуктивна, она впервые рождает внешнего человека в новом плане бытия”.

é percebido pelo filósofo russo. De maneira geral podemos falar de memória não como substrato idealista que emana de um ser-sujeito-de-linguagem, mas de algo que possui uma força motriz e que permite ao eu vivenciar com o outro certo horizonte de visão, essa memória, é por assim dizer, carregada de valor.

A memória na teoria dos gêneros de Bakhtin

Todo gênero é portador de uma memória, como objetos da cultura de um determinado povo, os gêneros carregam em si elementos que permitem, de certa maneira, percebermos essas formas de linguagem enquanto tal. Os gêneros poderiam ser descritos, conforme Bakhtin (1997), como formas relativamente estáveis de enunciados e como tal possuem certo acabamento estético. Tal como mostra Bakhtin (1997, p. 284): “a variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade individual”, o gênero, dessa forma, guarda estreita ligação com o estilo individual e o estilo é sempre carregado de valor estético. O estilo, marca de um *eu* que se manifesta, é sempre percebido pelo *outro* e guarda em si mesmo a memória de um outro. A memória é um elemento na constituição do acabamento estético que o *eu* possui a respeito do *outro*: ela antecipa a forma e permite dar certa finabilidade ao modo como o eu observa e vivencia a vida do outro. Essa memória, que é de ordem estética, associa diferentes aspectos da vida do outro: “a memória do passado é submetida a um processo estético”, tal como visto em Bakhtin (1997, p.167).

É na análise da obra de Dostoiévski que Bakhtin (1981) começa a correlacionar o aparecimento da memória [criativa] com o gênero. Trata-se de uma memória dos objetos que pode ser também percebida como uma memória coletiva, nas palavras de Amorin (2009, p. 14): “a memória coletiva ou memória dos objetos não está nos sujeitos, mas para não se perder, ela precisa estar entre eles. Ela precisa do elo que cada sujeito representa com sua participação na cultura”.

Popova (2016), no trabalho intitulado de Проблема памяти и забвения: м.м.бахтин о механизмах сохранения / стирания следов традиции в истории культуры mostra que o conceito de memória surge na teoria dialógica de Bakhtin a partir dos anos de 1960, quando Bakhtin (1981) preparava um capítulo que seria publicado na segunda edição do livro sobre Dostoiévski. Neste capítulo o filósofo começa a tratar de um tema ainda pouco explorado na literatura, o problema da transmutação do gênero. O gênero em questão é a sátira menipéia,

um gênero arcaico. Ainda assim, tal como visto em Souza (2020), é possível encontrar indícios de algumas reflexões sobre a memória desde a obra sobre Rabelais. Nas palavras de Bakhtin (1981, p. 109) “o gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo. É o representante da memória criativa no processo de desenvolvimento literário”.

Se é possível dizer que os gêneros possuem uma memória, que eles são portadores de memórias, não é possível dizer que esse tema seja um dos mais esclarecidos dentro da teoria dialógica de Bakhtin. Um possível indício do aparecimento desse tema dentro da obra de Bakhtin, como já aludimos, parece ser o momento da análise da obra de Dostoiévski, principalmente quando o teórico começa a construir ‘categorias’ com o grande tempo, a grande memória, construção que se deu a partir da formulação do problema da sátira menipéia.

A sátira menipéia, tal qual informa Bakhtin (1981) recebe esse nome graças ao filósofo do século II a.C. menipo de Gádara, mas o termo propriamente dito, foi utilizado bem antes de Gádara, pelo erudito romano do século I a.C. chamado de Varro que em determinada altura cunhou uma sátira criada por ele de “saturae menippea”. Ainda assim, se quisermos ser mais rigorosos é possível retomarmos os filósofos gregos como Antístenes, discípulo de Sócrates. Esse tipo de gênero, como mostra Bakhtin (1981) teve muita influência na literatura cristã antiga e na literatura bizantina o que de certa feita acabou por reverberar na escrita russa antiga.

O fato é que a sátira menipéia desde os tempos mais remotos e apesar das limitações do tempo histórico em que ela floresceu, parece ter encontrado seu lugar na história da cultura ao se firmar como um gênero sempre novo, isto acontece talvez porque a sátira menipeia, tal como mostra Bakhtin (1981) em problemas da Poética de Dostoiévski, pode absorver os pequenos gêneros e inserir-se nos grandes gêneros submetendo-os a uma certa transformação. A menipéia renasce e se renova constantemente e isto pode ser visto desde as épocas mais arcaicas até a formulação da Poética de Dostoiévski, em todas essas fases o que fica evidente é que a menipéia carrega no seu todo uma memória de outros gêneros que são sempre renovados em cada época.

Claro que quando falamos da memória que um gênero carrega, não estamos dizendo que esse gênero é constituído por memórias (tal qual uma representação ou recordação de algo dado como visto nos escritos de Platão e Aristóteles) mas estamos falando de um

processo de elaboração do objeto que sempre se renova e que é objeto da percepção do sensível. Rigorosamente, a memória que um gênero carrega nos fornece a indicação da presença de algo que já-estava-lá e que nos é trazido para os sentidos a partir da força da memória.

Nas palavras de Aristóteles (2002, p.43) “é a partir da memória que os seres humanos adquirem experiência, porque as numerosas lembranças de uma mesma coisa acabam por produzir o efeito de uma única experiência”. A teoria desenvolvida a respeito da sátira menipéia, como indica Popova (2016), foi fundamental para que o problema da memória fosse pensado por Bakhtin. É a partir desse ponto que Bakhtin volta-se para o problema da memória que é, em suma, também um problema sobre a localização espaço-temporal dos gêneros.

Dizer que a memória guarda relação com o tempo-espaço é dizer que ela se fundamenta no tempo histórico, nos textos marcados e cronologicamente datados. De certo modo, isso explica a razão pela qual Bakhtin retoma o problema da sátira menipéia para compreender a memória, quando dos seus estudos sobre a teoria do gênero romance, dito isso, é preciso dizer, com Bakhtin (1975⁶), que não só o gênero é portador de uma memória coletiva, mas também a palavra carrega em si uma memória. De certa feita, a tradição cultural e os movimentos literários carregam algo que as permitem ser passadas de geração em geração, tal como descrito por Bakhtin (1975) quando tratou da cultura popular da idade média; para Bakhtin (1975, p.458-459) “a memória, não o conhecimento, é a principal habilidade e poder criativo da literatura antiga. Foi assim e não pode ser mudado; a tradição do passado é sagrada. Ainda não há consciência da relatividade de todo o passado”

O problema da memória como fenômeno temporal

A memória como fenômeno cultural existe tanto em relação ao tempo presente quanto em relação ao tempo passado, os mecanismos de preservação e esquecimento dessas memórias são mostrados por Bakhtin desde a reconstrução histórica-temporal que ele fez da menipéia. O retorno às tradições é o que de certa maneira permite à Bakhtin (1981) apontar para a existência de dois níveis na memória: o individual e o coletivo. A análise das obras sobre Rabelais e Dostoiévski parecem contribuir significativamente para essa compreensão,

⁶ Idem nota 6

isto é, se pensarmos que é a partir dessas análises que Bakhtin vai pensar na objetificação das memórias (individual e coletiva), o que de certa feita acaba levando ao que chamamos de memória do objeto. Tal como mostra Bakhtin (1997), é possível falar de uma memória individual e uma coletiva, essa grande memória (a coletiva) não é uma lembrança do passado (no sentido temporal abstrato); o tempo é relativo. Que se volta para sempre e ao mesmo tempo irrevogavelmente.

Se posso dizer que o fenômeno da memória se materializa a partir da temporalidade do ente, isto vale dizer que a memória dos objetos enquanto memória, não se funda apenas e exclusivamente nos objetos da cultura (tal como os gêneros) mas são antes fenômenos produzidos por um ser-sujeito-de-linguagem que em determinado tempo e espaço experimenta a linguagem. Se é possível dizer isso é possível dizer com Kant (1994) que o tempo não é um conceito embutido no discurso, mas é antes uma das formas da intuição do sensível que nos leva a uma intuição categorial a respeito da existência de algo. O tempo é então a condição de possibilidade para a existência da memória, isto é, a condição *sine qua non* que é evocada e que sem a qual nada pode acontecer.

O tempo, como ente da memória, é algo que pode ser correlato a um certo cronotopo e a uma certa exotopia e indicam uma condição *per quam* que pode nos mostrar que algo se deduz desse acontecimento.

A suposição encontrada por Bakhtin na análise da obra de Dostoiévski sobre a sátira menipéia, é o melhor exemplo disso que acabamos de afirmar. A transmissão de uma memória dentro de determinada tradição e a partir de determinados objetos da cultura de um povo, como o são os gêneros, nos mostra que a retenção das memórias antigas é uma das características desses objetos. Popova (2016) afirma que a chave para o conceito de 'memória de gênero' nos escritos de Bakhtin dos anos 1940 pertence a três textos: “às questões de autoconsciência e autoestima”, “a sátira menipéia e seu significado na história do romance” e “acréscimos e mudanças em Rabelais”. O que fica evidente nessa afirmação de Popova (2016) é que as condições para que tomemos isso enquanto verdade, surge da intuição da relação temporal que está contida nesses escritos de Bakhtin. Em realidade, o gênero enquanto objeto da cultura guarda as propriedades necessárias para a existência da memória, essas propriedades, intuímos, são as relações que o objeto mantém com o sujeito ou o sujeito com o objeto. Do ponto de vista mais formal poderíamos dizer que essas relações acontecem em

espaços/tempo diferentes e podem percorrer determinadas épocas através de inúmeras conexões, isto é, por sucessão, por extensão e de forma permanente).

A validade disso que estamos apontando pode ser vista quando olhamos para a maneira pela qual Bakhtin vai perceber a sátira menipéia e vai a partir dessa percepção do sensível, atribuir sentidos aos gêneros que, na arcaica, na menipéia, recordam algo. O sentido, enquanto categoria fenomenológica, pode ser percebido como interno, isto é, percebido nas relações internas que acometem o fenômeno analisado desde que tomado em relação às próprias relações que os fenômenos mantêm em determinado tempo. Bakhtin (1997) vai perceber a existência fundamental da memória em dois níveis distintos: um coletivo e outro individual. São nas análises feitas nas obras sobre Rabelais e Dostoiévski que Bakhtin parece perceber a existência desses níveis da memória que por vezes é tomada enquanto algo objetificado cuja materialidade está expressa não no objeto em si, mas nas marcas de linguagem que determinado objeto carrega.

Quer se considere a memória e sua existência em determinado tempo-espaço, quer se considere a memória enquanto atributo de uma individualidade ou mesmo quer se considere que a memória vive e pertença a uma coletividade, o fato é que a memória é sempre atributo de um ser-sujeito-de-linguagem. Isto nos leva a intuir que a memória guarda algo de dialógico, principalmente se considerarmos que as relações dialógicas são carregadas de sentido. Nas palavras de Souza (2020)

a própria noção de dialogismo, ao que tudo indica, carrega, em si, uma certa memória. Isto é, se considerarmos, a partir da temporalidade, o modo como os filósofos construíram o conceito, trabalhando-o e retrabalhando-o a partir daquilo que muito já se conhecia, as premissas pré-construídas, como por exemplo, a crença em um eu-tu divino, o conhecimento sobre a alteridade e a própria noção de diálogo que, ao que tudo indica, parece guardar em si uma memória composicional, ou ainda, a memória que uma palavra guarda, etc. Todas as considerações acima parecem indicar que existe uma ligação entre a memória e o que o homem de linguagem produz. (SOUZA, 2020 P. 121)

O tempo e a temporalidade enquanto entes do histórico é o que move a memória enquanto categoria fenomenológica, Heidegger (2005) ao pensar na questão do tempo e do espaço, enquanto categorias, vai correlacionar o tempo e o espaço a uma presença, a homogeneização, uma equiparação do tempo ao espaço. Isto significa que é possível falarmos a partir da historicidade, de uma totalidade do que é apreendido na memória, é o que Heidegger (2003, p.53), na obra ‘O conceito de tempo’, vai apontar como um voltar-atrás, “o

voltar-atrás da antecipação é já, ele mesmo, o “como” do estar-ocupado em que eu, justamente, me demoro um momento”.

Considerações finais

A memória é um dos temas que aparecem na dialogia de Bakhtin, ela surge não apenas como unidade subjetiva, isolada do social e da consciência do sujeito, mas também como uma categoria da cultura (tal qual visto em Questões de Literatura e de Estética). Essa força motriz da memória, em nosso entender, é o que permite a elaboração de temas como as questões de alteridade, ou mesmo, é o que move a discussão em torno do todo composicional da obra. A memória, desse modo, pode ser percebida como um acumulado semântico dada as possibilidades que a partir dela pode ser evocada. Em relação ao conceito de memória e sua interface com os estudos da linguagem, é oportuno lembrar Popova (2016) quando afirma que a conexão entre linguagem e memória é sempre bidirecional: a linguagem atua como um marcador de memória e por sua vez, a memória atua, a partir do falante da língua, como um condutor de seu significado.

Nesse sentido, Souza (2020) esclarece que é a partir da consideração de que o falante da língua não é um ser jogado fora do tempo histórico, que permite à Bakhtin (1997), verificar a ligação existente entre linguagem, memória e o tempo histórico. Nas palavras de Souza (2020, p.127) “até mesmo a memória que não está guardada em uma subjetividade, a memória dos objetos (ou coletiva), só existe porque existe na história”. A questão da memória está também diretamente correlacionada com a questão do lembrar e do esquecer, ao que tudo indica, ao formular suas observações sobre a natureza da memória, Bakhtin (1981) intuía que a força motriz da memória de alguma forma era fator aglutinante para a compreensão de determinados gêneros. Isso significa que mesmo carregada no esquecimento, a memória de alguma forma deixa resquícios, ou melhor, indícios da presença de algo que já estava lá. E um bom exemplo disso, podemos dizer, são as percepções a respeito da memória do objeto. Retomemos por um momento a questão da menipéia, Bakhtin (1981) ao tratar da questão desse gênero que existiu no final do século XVI, percebeu que esse gênero carregava indícios da presença de algo ou seja, é possível dizer que os gêneros carregam certa memória e essa memória não se confunde com a memória individual, de tal forma o recordar não deve ser confundido nem se confunde com um ato individual da vontade, mas antes é condição para

existência do próprio gênero. Como podemos notar, a questão da memória não é um tema que passou despercebido para o filósofo russo e aqui fizemos alguns apontamentos bastante pontuais a respeito do tema, uma análise mais detalhada faz-se necessário para se perceber até que ponto a categoria da memória se relaciona com outras categorias dentro da teoria dialógica da linguagem de Bakhtin.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Título original: Dizionario di filosofia. Tradução de Alfredo Bossi. Editora: Martins Fontes, São Paulo, 2007
- AMORIN, Marília. *Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação*. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 1o sem. 2009
- ARISTÓTELES. *Metafísica. Vol I-III. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale*. Trad. do italiano de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.
- COURTINE, JJ. *Définition d'Orientations Théoriques et Méthodologiques en Analyse de Discours*. Philosophiques, Paris. v. IX, n. 2, 1985
- FRANÇA, Thyago Madeira. *Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux*. INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. V. 4, Edição número 22, de Outubro/2015 a Março/ 2016
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo. Parte I*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Editora Vozes, 2005
- HEIDEGGER, Martin. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Tradução de Marco Antonio Casa Nova. Petrópolis: Editora Vozes, 2012
- HEIDEGGER, Martin. *O conceito de tempo*. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- HEBECHE, L. (2019). *Heidegger e os indícios formais*. Veritas (Porto Alegre), 46(4), 571-592. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2001.4.35033>
- HUSSERL, E. *Lições para fenomenologia da consciência interna do tempo*. Zur Phanomenologie des inneren zeitbewusstseins (1893-1917). Tradução de Pedro M. S. Alves, Coleção Clássicos de Filosofia, Série Universitária. 1ª edição, editora: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Siqueira de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994
- KOZNOVA, Irina Evgenievna. *Sobre o problema da memória nos trabalhos de M. M. Bakhtin* // Boletim da Universidade Syktyvkar. Série Humanidades. 2013. No2. URL: <https://cyberleninka.ru/article/n/k-problemepamyati-v-tvorchestve-mm-bahtina> (acessado em 10/05/2019).
- КиберЛенинка: <https://cyberleninka.ru/article/n/k-probleme-pamyati-v-tvorchestve-m-m-bahtina>
- PÊCHEUX, Michel. *Les sciences humaines et le "moment actuel"*. La Pensée, 1969

- РОРОВ, ПРОБЛЕМА. *Памяти и забвения: м.м.бахтин о механизмах сохранения / стирания следов традиции в истории культуры*. Studia Litterarum. Том 1, № 1–2, 2016
Теория литературы
- PLOTINUS. *Complete Works*. English Edition [e-book]. Delphi Classics, London 2015
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Pia Sociedade de São Paulo - Editora Paulus, 2014
- SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997
- SOUZA, Aguinaldo Gomes de. *A memória-acontecimento nas materialidades digitais: uma abordagem onto-fenomenológica-discursiva*. 2020. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- ZILLES, Urbano. *Teoria do conhecimento / Urbano Zilles*. 5° ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

Recebido em: 30/07/2021; Aceito em: 30/08/2021.